

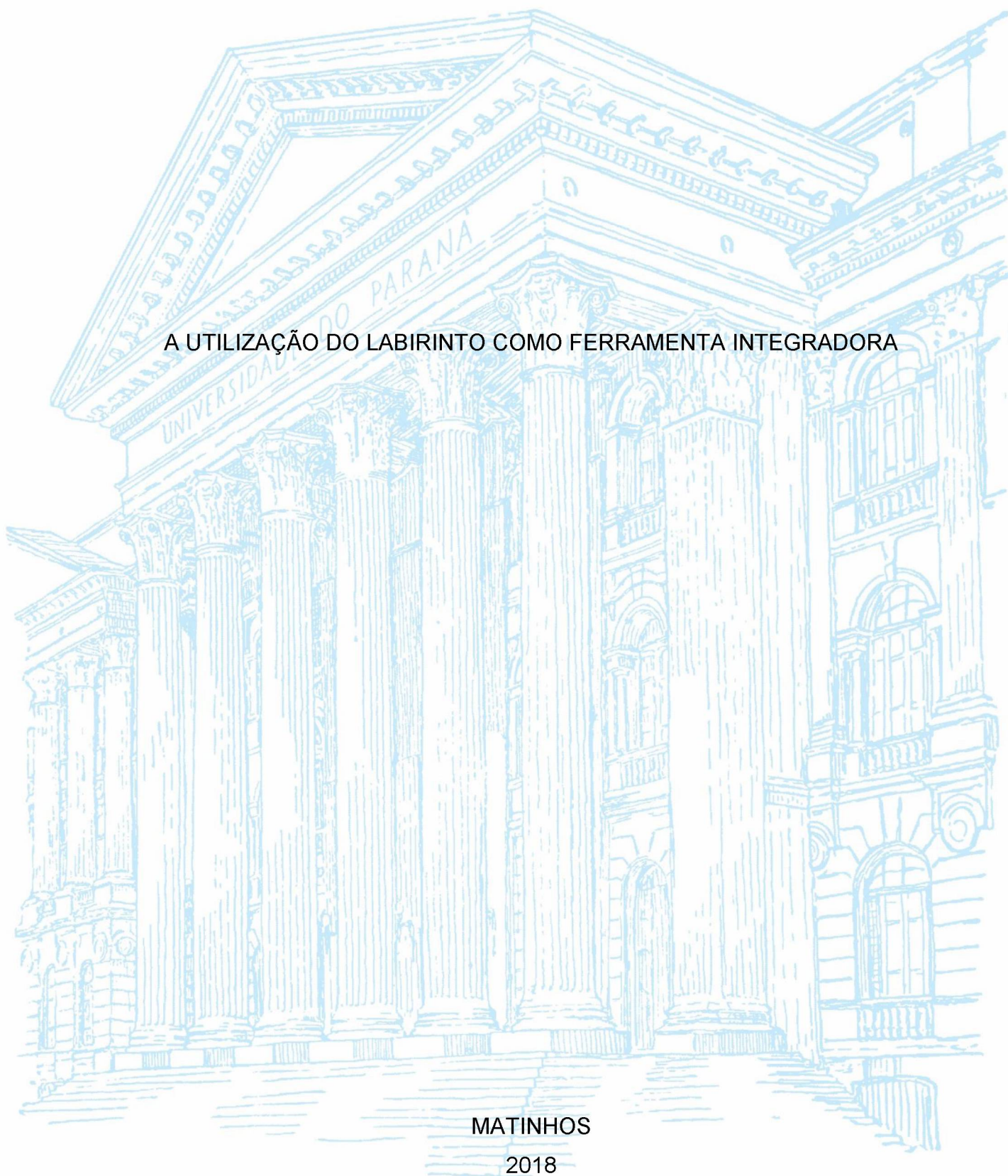
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAMILA HAUBERT FERREIRA COELHO

A UTILIZAÇÃO DO LABIRINTO COMO FERRAMENTA INTEGRADORA

MATINHOS

2018



CAMILA HAUBERT FERREIRA COELHO

A UTILIZAÇÃO DO LABIRINTO COMO FERRAMENTA INTEGRADORA

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Alternativas para uma Nova Educação.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). André Essenfelder Borges

MATINHOS

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

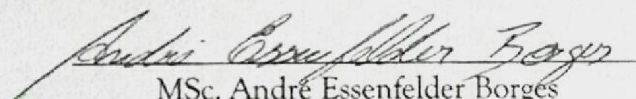
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ALTERNATIVAS PARA UMA
NOVA EDUCAÇÃO

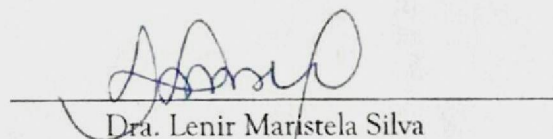


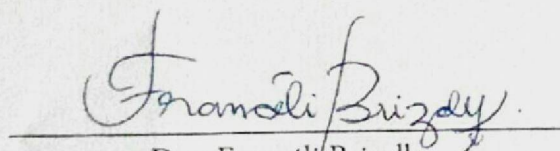
PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

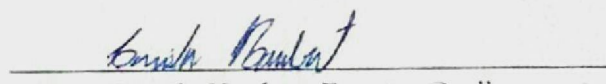
Os membros da Banca Examinadora designada pelo orientador Professor MSc. André Essenfelder Borges, realizaram em 30 de junho de 2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante Camila Haubert Ferreira Coelho, sob o título "A UTILIZAÇÃO DO LABIRINTO COMO FERRAMENTA INTEGRADORA", sendo quesito parcial para obtenção do Título de Especialista no Curso de *Especialização em Alternativas para uma Nova Educação*, pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo sido "APROVADA".

Matinhos, 30 de junho de 2018.


MSc. André Essenfelder Borges
Professor Orientador


Dra. Lenir Maristela Silva
Professora Integrante


Dra. Francéli Brizolla
Professora Integrante


Camila Haubert Ferreira Coelho
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

Dedico esse trabalho a todos que lutam e vislumbram um mundo melhor por meio da educação emancipadora e igualitária.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus colegas e mediadores por fazerem parte dessa caminhada compartilhando momentos de extrema significância, fortalecendo a minha transformação como ser humano e pela possibilidade de fazer parte dessa rede que busca um futuro melhor para todos.

“ Durante nosso tempo de crise e de profundas mudanças, a educação constitui a nossa melhor esperança. Ou, dito de outra forma: a transformação da educação é a nossa melhor ponte para um futuro melhor. ” (NARANJO, 2015, p.20.)

RESUMO

Esse trabalho é o resultado do projeto desenvolvido durante a Especialização em Alternativas para uma Nova Educação. Para que o projeto fosse realizado foi levado em conta a história de vida da protagonista antes de integrar a rede de educadores da ANE (Alternativas para uma Nova Educação) e o processo de construção dessa rede que se deu por meio de ações propostas pelos participantes. As Ações do projeto em questão tiveram os seguintes objetivos: Difundir e instigar o uso do Labirinto unicursal como ferramenta educadora; despertar e destacar a importância do autoconhecimento para educação; dissolver práticas educacionais baseadas no patriarcado resgatando a simbologia matrística do Labirinto; oportunizar uma maneira lúdica no educar intergeracional; desenvolver vivências integradoras que promovam o senso de Comunidade. Na elaboração da escrita desse projeto foi feito um breve referencial teórico, posteriormente os relatos das ações realizadas e por fim as considerações finais

Palavras-chave: Labirinto. Ferramenta Integradora. ANE. Autoconhecimento. Educação. Comunidade.

ABSTRACT

This work is the result of the project developed during Specialization in Alternatives for a New Education. In order for the project to be carried out, the protagonist's life story was taken into account before joining ANE's network of educators (Alternatives for a New Education) and the process of building this network through actions proposed by the participants. The actions of the project in question had the following objectives: To disseminate and instigate the use of the unicursal labyrinth as an educative tool; awakening and emphasizing the importance of self-knowledge for education; dissolve educational practices based on patriarchy, rescuing the matristic symbology of the Labyrinth; to provide a playful way in intergenerational education; develop integrative experiences that promote a sense of community. In the writing of this project a brief theoretical reference was made, later the reports of the actions carried out and, finally, the final considerations.

Key words: Labyrinth. Integrating Tool. ANE. Self knowledge. Education. Community.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Primeiro grupo da Ação na Escola Abigail: apresentações.....	13
FIGURA 2 – Primeiro grupo da Ação da Escola Abigail: apresentações.....	13
FIGURA 3 – Primeiro grupo Ação Escola Abigail: Resaltando as qualidades em mim e nos meus colegas.....	14
FIGURA 4 – Primeiro grupo Ação Escola Abigail: Muro de gente.....	14
FIGURA 5 – Primeiro grupo Ação Escola Abigail: Guiar e ser guiado.....	14
FIGURA 6 – Primeiro grupo Ação Escola Abigail: Aprendendo a desenhar o Labirinto.....	15
FIGURA 7 – Primeiro grupo Ação Escola Abigail: Labirintos confeccionado pelos participantes	15
FIGURA 8 – Segundo grupo Ação Escola Abigail: Guiar e ser Guiado.....	16
FIGURA 9 – Segundo grupo Ação Escola Abigail: Guiar e ser Guiado.....	17
FIGURA 10 – Segundo e terceiro grupo Ação Escola Abigail: Guiar e ser guiado.....	17
FIGURA 11 – Segundo e terceiro grupo Ação Escola Abigail: Guiar e ser guiado.....	18
FIGURA 12 – Segundo e terceiro grupo Ação Escola Abigail: Guiar e ser guiado.....	18
FIGURA 13 – Ação Colégio Estadual Tereza Ramos: Professora escrevendo o que foi solicitado após caminhar e chegar ao centro do Labirinto.....	20
FIGURA 14– Ação Colégio Estadual Tereza Ramos: Professora escrevendo o que foi solicitado após caminhar e chegar ao centro do Labirinto.....	21
FIGURA 15 – Ação Jornada Criativa Labirintos Lúdicos: Apresentação com nomes no baú.....	22
FIGURA 16 – Ação Jornada Criativa Labirintos Lúdicos: Labirinto de tijolos montado com crianças ao fundo prestando atenção nas orientações.....	23
FIGURA 17 – Ação Jornada Criativa Labirintos Lúdicos: Chuva de Tijolos.....	23
FIGURA 18 – Ação Jornada Criativa Labirintos Lúdicos: brincando de enterrar os participantes com os tijolos de espuma.....	24

FIGURA 19– Ação Jornada Criativa Labirintos Lúdicos: Aprendendo a desenhar labirinto.....	24
FIGURA 20– Ação Jornada Criativa Labirintos Lúdicos: Aprendendo a desenhar labirinto.....	25
FIGURA 21 – Ação Jornada Criativa Labirintos Lúdicos: Aprendendo a desenhar labirinto.....	25
FIGURA 22 – Ação Jornada Criativa Labirintos Lúdicos: Exibição do documentário Ser e Vir a Ser.....	26
FIGURA 23– Ação Jornada Criativa Labirintos Lúdicos: Exibição do documentário Ser e Vir a Ser.....	26
FIGURA 24 – Ação Labirinto no encontro da ANE: Samira fazendo o convite para o evento do “Domingão da desformação”, em roda.....	28
FIGURA 25 – Ação Labirinto no encontro da ANE: Orientação sobre a dinâmica do Labirinto”, em roda.....	29
FIGURA 26 – Ação Labirinto no encontro da ANE: Caminhada introdutória no labirinto.....	29
FIGURA 27 – Ação Labirinto no encontro da ANE: Organização para a atividade Muro de Gente.....	30
FIGURA 28 – Ação Labirinto no encontro da ANE: Muro de Gente.....	30
FIGURA 29 – Ação Labirinto no encontro da ANE: Muro de Gente.....	30
FIGURA 30 – Ação Labirinto no encontro da ANE: Roda de apresentações com caminhada introdutória no labirinto.....	32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. MEMÓRIA DE VIDA	3
3. RELATO.....	6
3.1 AÇÃO NA ESCOLA ABIGAIL DOS SANTOS CORRÊA	12
3.2 AÇÃO NO COLÉGIO ESTADUAL TEREZA RAMOS	19
3.3 AÇÃO JORNADA CRIATIVA LABIRINTOS LÚDICOS	22
3.4 AÇÃO LABIRINTO NO ENCONTRO DA ANE.....	28
3.5 AÇÃO LABIRINTO LÚDICO NO DOMINGÃO DA DESFORMAÇÃO	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
5. REFERÊNCIAS.....	36

1. INTRODUÇÃO

O presente projeto tem como base a utilização do arquétipo do Labirinto como uma ferramenta integradora, socializadora, agregadora, pedagógica e lúdica. Diferentemente do que se estabelece como senso comum, que Labirintos apresentam a função de confundir quem o percorre, aqui será utilizado o conceito do Labirinto unicursal que possui um único caminho com o intuito de chegar ao centro. Por haver essa diferenciação entre os dois signos, alguns autores empregam a nomenclatura de Dédalo (Maze) ao primeiro e Labirinto (Labyrinth) ao segundo.

O uso do Labirinto aparece em inúmeras civilizações ancestrais sendo encontrado e utilizado em tradições religiosas ao longo da história da humanidade como uma ferramenta milenar de meditação e autoconhecimento, no qual o indivíduo que o percorre passa por um processo de transformação. Pelo mundo encontramos este símbolo em diversas culturas sendo que o mais famoso é o Labirinto da Catedral Chartres situado na França.

Labirintos possuem características muito valorosas que cativam muitos indivíduos. Nas últimas décadas hospitais, escolas, universidades e igrejas em todo o mundo vem usufruindo do poder desse símbolo arquetípico utilizando-o como ferramenta de aprendizagem, meditação e autoconhecimento. Com base em uma série de pesquisas que vêm sendo feitas na atualidade pode-se confirmar a potencialidade dos labirintos em atrair crianças e adultos de todas as idades concebendo, assim, infinitas possibilidades de atividades lúdicas e pedagógicas. Podendo aqui citar os estudos de Marge McCarthy em seu manual para utilização de labirintos na escola: Kids on the Path: School Labyrinth Guide publicado em 2007. Outro estudo interessante de citar é o livro de Helen Raphael Sands, Labirinto: caminho para meditação e cura publicado em 2014 em que ela relata a sua experiência com labirintos.

Por este motivo os objetivos do presente projeto são: Difundir e instigar o uso do Labirinto unicursal como ferramenta educadora; despertar e destacar a importância do autoconhecimento para educação; dissolver práticas educacionais baseadas no patriarcado resgatando a simbologia matrística do Labirinto; oportunizar uma maneira lúdica no educar intergeracional; desenvolver vivências integradoras que promovam o senso de Comunidade.

Para que os objetivos fossem atingidos foi criada uma rede de educadores por meio da Especialização em Alternativas de uma Nova Educação com essa rede foi

possível estabelecer pontes com diferentes pessoas e locais que necessitassem ou quisessem passar por uma transformação por meio de ações. No caso desse projeto foi utilizada a metodologia acima citada.

Esse trabalho foi organizado da seguinte forma: História pessoal de vida antes de ingressar ao coletivo da ANE (Alternativas para uma Nova Educação), o processo de transformação pessoal e coletiva ao estar fazendo parte de uma rede de educadores que buscam alternativas para um novo olhar educacional, dentro disso relatando minhas experiências com as ações que propus e vivenciei. E por fim a conclusões após a evolução do processo formador, desformador e transformador de quem participa como mediador do desenvolvimento integral humano.

2 . MEMÓRIA DE VIDA

Nascida em Curitiba em 1988, segunda filha de um casal que aos 19 anos casaram já esperando a minha irmã mais velha. Um ano e meio depois eu vim ao mundo, depois de mim sucederam mais 4 irmãos, contabilizando o total de 6 filhos.

Em mim vivem poucas memórias da metade da minha primeira infância (0 a 3). Lembro-me de brincar com minha irmã mais velha pelo quintal, assistir Xuxa, Ratimbum, do dia que eu larguei a chupeta. Dessa fase poucos traumas parecem ter ficado, acredito que me foi oportunizado um desenvolvimento saudável e tranquilo.

Com o passar dos anos meus irmãos mais novos foram chegando e com isso responsabilidades, como limpar a casa e ajudar a cuidar dos irmãos. Eu lá pelos meus seis anos comecei a tomar gosto pelo cuidado de crianças e que me influenciou até hoje em minha trajetória como educadora. Nessa época também que me tornei sobrecarregada com minhas “responsabilidades” domésticas, muitas vezes deixava de brincar para cumpri-las e se me negasse sofria agressões. Na época essa era a maneira de educar que meus pais conheciam. Não guardo mágoas, mas acredito que isso fez com que eu questionasse esse modelo. Recordo que, ainda menina, não gostava de receber ordens, aliás achava inadmissível que minha mãe dissesse “eu mando em você”, contestava respondendo que ninguém podia mandar em outra pessoa. Resumindo eu era a filha “desobediente”, ovelha negra que veio para quebrar os paradigmas impostos pela minha família, tendo impresso em minha alma a busca pela liberdade. E foi essa sede por liberdade que guiou e guia minha jornada até hoje, me fazendo crer que essa seria uma das minhas missões de vida.

No entanto lembro-me de ser uma criança bastante triste e inconformada com a situação que vivia, sempre chorando pelos cantos. Em contrapartida haviam os momentos que eu estava na escola, lá eu me sentia bem e era “comportada”, devia ser porque estava longe de casa. Estudei do pré (hoje 1º ano) a 8ª série (9º ano) no mesmo lugar Colégio Padre João Bagozzi, ou seja, praticamente minha vida escolar toda. Essa era uma escola particular situada na região do portão, eu morava em uma área periférica desse bairro e me deslocava para ter uma educação “melhor”. Como éramos muitos irmãos meus pais não tinham como arcar com as despesas da mensalidade, então tínhamos bolsas parciais. Mesmo assim muitas vezes meu pai atrasava o pagamento ou eu ficava sem adquirir algum material didático. No geral eu gostava da escola, pois lá eu conseguia fugir da minha rotina, esta que inúmeras vezes fazia eu deixar de estudar ou fazer alguma tarefa da escola. Acredito que o

ponto que me fez desgostar do ambiente escolar era ter que compreender que existiam desigualdades sociais. Nesse sentido tive um professor que me influenciou fortemente, Jair Santana professor de Educação Artística, negro, órfão, músico e grande educador. Ele me amparou, foi empático, viu os meus talentos e os incentivou. Cantei no Coro da escola sob sua regência e está foi uma das experiências mais lindas e enriquecedoras que eu pude ter nessa vida eu o tenho como um grande mestre. Posso citar as incontáveis vezes que ele levou eu e minhas irmãs depois dos ensaios em casa ou conseguiu o dinheiro da condução quando não tínhamos de onde tirar. Cantar no coral para mim era o meu refúgio, uma benção, lá eu podia ser plenamente a Camila, não existiu um dia que eu não quisesse estar lá. Essa era a parte que eu aproveitava da escola, as aulas não regulares. O convencional acontecia dentro da sala de aula e eu lá sendo “normatizada”, na época eu a achava chato tudo isso, mas entrava na onda para conseguir sobreviver. Anos passaram, eu cresci e com 15 anos estudei na rede pública de ensino por falta de recursos financeiros, lá percebi mais ainda as desigualdades sociais, só que agora do outro lado, pois lá haviam pessoas com mais problemas que eu. Diferentemente dos professores da rede particular que eu estudava, que recebiam bem e iam “motivados” normatizar seus alunos. Os dessa escola pouco se importavam e o ambiente físico não era favorável para facilitar o aprendizado dos alunos. De lá, novamente, só me recordo da experiência das aulas de Arte. No ano seguinte mudei de escola e fui para um ensino médio estilo cursinho pré-vestibular noturno, lembro que lá a única coisa que aprendi foi a chutar bem as alternativas no vestibular, e foi o que me fez passar na prova para o curso que eu queria. A influência da arte na minha vida foi tão forte que foi esse o rumo que resolvi tomar em minha vida, essa foi uma escolha completamente influenciada pelo professor Jair Santana, via nele um modelo a ser seguido.

Em 2006 fiz vestibular para Educação Musical na UFPR e passei. Lá tive muitos aprendizados e os principais foram fora da sala de aula. Em 2008 saí da casa de meus pais e fui viver minha vida, pois não conseguia me concentrar nos estudos morando com meus pais. Em 2009 tive a oportunidade de morar em uma república de estudantes e lá criamos um espaço cultural que tinha a intenção de reunir artistas e promover eventos culturais. Lá comecei a me preocupar como conviver em coletivo de maneira justa e harmônica. Nessa mesma fazia parte do centro acadêmico de Música e foi lá que acabei me apaixonando por um colega de faculdade que hoje é o meu atual companheiro. Ao estar na academia percebia que o paradigma educacional

imposto não favorecia o meu aprendizado, pois estava em um curso de Música que o aprendizado se resumia na maioria das vezes em estudos teóricos, eram raras as vezes que se ouvia alguém tocando algum instrumento nos corredores do campus. Com esse incômodo comecei a buscar novas maneiras de educar. E que resultou no meu trabalho de conclusão de curso, intitulado A Educação musical na Pedagogia Waldorf. Ao conhecer uma maneira diferente do padrão de educação vigente abriu se um leque de novas possibilidades. A partir daí não parei de pesquisar sobre educação inovadora, frequentando palestras e cursos que iam nessa direção. Enquanto estudava, participava de um coletivo cultural e do centro acadêmico, tive minha primeira experiência docente participando do programa de estágio oferecido pelo Centro de referência de assistência social (CRAS) da prefeitura de Curitiba, sendo estagiária responsável por dar aulas de musicalização infantil no Programa de erradicação do trabalho infantil (PETI). Lá fui capaz de observar que os momentos mais ricos em aprendizado eram quando as crianças escolhiam as brincadeiras. Alguns anos depois, ainda em Curitiba, acabei trabalhando em um espaço de brincar chamado Casa Labirinto, que foi reconhecido pelo MEC como um espaço de Educação Inovadora, lugar onde o aprendizado pelo brincar livre era o foco. Lá desenvolvi e aprimorei minha paixão pelo tema e tive contato com os Labirintos percebendo o potencial que essa ferramenta tem acabei trazendo para ANE com intuito de difundir, explorar e estudá-la mais a fundo.

Cansada da vida corrida da “cidade grande”, resolvi mudar-me para o litoral, especificamente para Matinhos. Assim que cheguei tive a oportunidade de participar de uma roda de conversa com o professor José Pacheco na UFPR Litoral, onde tive o contato com um grupo de pais interessados em uma educação diferente para seus filhos. Alguns meses depois em 2016 formou-se um coletivo interessado em montar uma escola. Começamos a nos reunir, participamos do CONANE Caiçara em Morretes e começamos a estruturar um projeto de experimentação com esse grupo de pais e educadores interessados. Nasceu então a Comunidade de aprendizagem Maria da Restinga (COAMAR). Em 2017 foram abertas as inscrições para a primeira turma de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação (ANE), me inscrevi, fui selecionada para participar como aluna regular e foi a partir daí que aconteceram inúmeras transformações.

3. RELATO

Durante os primeiros encontros da ANE nos foi solicitado que elaborássemos um pré-projeto para implementar junto ao coletivo. Como pré requisito para estar na ANE os Projetos de Intervenção deveriam ser norteadas pelas Categorias Integradoras que eram as seguintes: Interculturalidade, Interdisciplinaridade, Intergeracionalidade, Interterritorialidade, Interinstitucionalidade e Interexperiencialidade. Dentro do plano de ação foi pedido que construíssemos um cronograma de ações a serem desenvolvidas em um ou mais espaços aprendizagem, não precisando este ser necessariamente uma escola e que em pelo menos duas dessas ações os colegas da ANE pudessem participar, pois de acordo com Pacheco (2014, p.11-12.):

O espaço de aprender é todo o espaço, tanto o universo físico como o virtual, é a vizinhança fraterna. E quando se aprende? Nas quatro horas diárias de uma escola-hotel? Duzentos dias por ano? Que sentido faz uma “idade de corte”, se não existe uma idade para começar a aprender? A todo momento aprendemos, desde que a aprendizagem seja significativa, integradora, diversificada, ativa, socializadora. O tempo de aprender é o tempo de viver, as 24 horas de cada dia, nos 365 dias (ou 366) de cada ano. Urge rever os conceitos de espaço e tempo de aprendizagem, para que os “paidagogos” não mais conduzam as crianças da comunidade para a escola, mas as libertem da reclusão num gueto escolar e as devolvam à comunidade, na qual a escola constitui um nodo de uma rede de aprendizagem colaborativa. (PACHECO, 2014, P. 11-2.)

Entreguei a primeira proposta de Ação com uma breve introdução sobre a ferramenta Labirinto e proposta de utilização. Quando cheguei na ANE tinha como intuito fortalecer e ajudar a estruturar o projeto da Comunidade de Aprendizagem Maria da Restinga, mas por conta do meu emprego acabei tendo que optar por estar menos presente no coletivo da COAMAR. Foi então que me veio a ideia de atrelar o conhecimento que tinha sobre Labirintos com o trabalho desenvolvido na Maria da Restinga. A ideia inicial era que as ações acontecessem somente com as crianças da Comunidade de Aprendizagem em seis encontros durante o ano de 2017 e somente dois encontros seriam abertos aos colegas. Tinha em mente que faria um estudo de caso e pronto. Mas felizmente as coisas não aconteceram como o planejado. Como o grupo de crianças que estava frequentando a COAMAR na época ainda eram muito pequenas para caminhar no Labirinto e compreender as atividades acabei buscando outros espaços para levar a minha ação. A partir daí tive a oportunidade de vislumbrar novos objetivos para o Projeto Labirintos Lúdicos.

O que antes era um projeto específico para crianças com o intuito de proporcionar uma meditação ativa e lúdica; ampliar a percepção de si e do mundo a sua volta; buscar desenvolver a concentração no momento presente; alcançar caminhos para a autonomia na educação; acabou se transformando em um projeto para todas as idades se enquadrando nas Categorias Integradoras citadas anteriormente. Então os objetivos desse projeto foram: Difundir e instigar o uso do Labirinto unicursal como ferramenta educadora; despertar e destacar a importância do autoconhecimento para educação; dissolver práticas educacionais baseadas no patriarcado resgatando a simbologia matrística do Labirinto; oportunizar uma maneira lúdica no educar intergeracional; desenvolver vivências integradoras que promovam o senso de Comunidade.

Para que seja possível descrever as ações que foram realizadas, primeiramente, precisamos aqui, compreender o conceito do Labirinto unicursal. Diferentemente do que se estabelece como senso comum, que Labirintos apresentam a função de confundir quem o percorre, aqui será utilizado o conceito do Labirinto unicursal que possui um único caminho com o intuito de chegar ao centro. Por haver essa diferenciação entre os dois signos, alguns autores empregam a nomenclatura de Dédalo (Maze) ao primeiro e Labirinto (Labyrinth) ao segundo. De acordo com Kern (2000, p. 23), “Em um labirinto, uma pessoa não se perde. Em um labirinto ela se encontra. Em um labirinto não é o Minotauro que a pessoa encontra. Em um labirinto a pessoa encontra a si mesma”¹. O Labirinto é um arquétipo milenar sendo encontrado e utilizado em tradições religiosas ao longo da história da humanidade como uma ferramenta milenar de meditação e autoconhecimento, no qual o indivíduo que o percorre passa por um processo de transformação. Pelo mundo encontramos este símbolo em diversas culturas sendo que o mais famoso é o Labirinto da Catedral Chartres situado na França. De acordo com Kerény (2008, p. 80)

Sobre os labirintos em igrejas e de grama, em áreas próximas a cemitérios, alguns sábios afirmam que (esses) labirintos serviam, originalmente, para penitência, e devem ser entendidos como caminhos penitenciais. Tais construções atraem continuamente para o jogo os espíritos infantis, e despertam, naqueles que jogam, os sentimentos de uma mistura de aflição e de prazer, que são mais mundano-pagãos do que de penitência cristã. A maioria dos labirintos que foram instalados no pavimento das catedrais medievais da França tiveram que ser destruídos, porque as crianças os

¹ Tradução minha, texto original: “In a labyrinth, one does not lose oneself. In a labyrinth, one finds oneself. In a labyrinth, one does not encounter the Minotaur. In a labyrinth, one encounters oneself”.

utilizavam como lugares de jogo, e competiam umas com as outras para ver quem, dentre elas, chegava primeiro à área central. (Kerény 2008, p. 80)

Com base nisso pode-se confirmar a potencialidade dos labirintos em atrair crianças e adultos de todas as idades concebendo, assim, infinitas possibilidades de atividades lúdicas, pedagógicas e integradoras podendo-se notar que Labirintos possuem características muito valorosas e que tem cativado muitos indivíduos. Pois nas últimas décadas hospitais, escolas, universidades e igrejas em todo o mundo vem usufruindo do poder desse símbolo arquetípico utilizando-o como ferramenta de aprendizagem, meditação e autoconhecimento.

A intenção desse projeto é resgatar esse símbolo ancestral como ferramenta de autoconhecimento na educação, que também representa um resgate da antiga sociedade matrística, pois de acordo com Senensky (2003, p. 1):

O labirinto diz respeito à história. É uma história que nos leva dezenas de milhares de anos para o passado, para um tempo em que a Grande Deusa reinava, quando o Feminino era reverenciado e honrado, e os mistérios do nascimento, morte e renascimento eram ritualizados e vistos com deslumbramento. (Senensky, 2003, p. 1)

Pois de acordo com Naranjo (2015, p. 56-57), a sociedade contemporânea capitalista se estrutura no pensamento baseado no patriarcado, em que atitudes como cobiça e autoritarismo prevalecem. Acreditando ser essa a causa dessa sociedade desigual e desestruturada em várias esferas da formação humana. E diz que considera:

... válido levar a cabo uma explicação unificada de nossos males cognitivos, emocionais e sociopolíticos e, nesse espírito, proponho a continuação da ideia de que o patriarcado é a raiz comum da mentalidade industrial, do capitalismo, da exploração, da alienação, da incapacidade de viver em paz, do espólio da terra de outros males que nos fazem padecer. (Naranjo 2015, p. 56-57)

Seguindo essa linha de pensamento se faz necessário o resgate de um olhar para relações mais fraternas do que autoritárias, pois para Naranjo (2015, p. 57):

... a fonte de todos os males de nossa sociedade e o que nos levou à crise atual é a nossa limitada capacidade para as relações humanas saudáveis. Seguramente não me contradirão se afirmo que é a nossa limitada capacidade para amar - ou, se preferirem, nossa incapacidade para obedecer ao mandamento cristão de amar ao próximo como a nós mesmos - o que nos impede de manter relações verdadeiramente fraternas com os que nos rodeiam, e parece suficiente reconhecer que a limitação de nossa capacidade

amorosa gera uma sociedade enferma com toda sua corte de problemas secundários. Porém podemos precisar ainda mais nosso diagnóstico se nos mantivermos centrados exatamente no que se interpõe entre nós e nossa potencial fraternidade: a palavra “patriarcal” convida a pensar que a razão pela qual fracassamos no momento de criar, entre nós, relações fraternas, assim como aquilo que nos torna incapazes de amarmo-nos autenticamente (privando-nos assim do natural fluxo amoroso até os demais): na persistência de vínculos obsoletos de autoridade e de dependência é onde assenta a tirania do paterno sobre o materno e filial. (Naranjo 2015, p. 57)

E para sanar essa “sociedade enferma” Naranjo (2015, p. 58) sugere o resgate de atitudes ancestrais dos tempos matrísticos buscando a natureza essencial do ser humano para “mudar estruturas tão profundamente arraigadas” na nossa civilização. Pois para Campbell em seu livro *Mito, Religião e Direito Materno* diz que:

Sem uma transformação completa do próprio ser; sem recuperar a antiga simplicidade e saúde da alma; não é possível alcançar nem o mínimo vislumbre da grandeza daqueles tempos antigos, nem a forma de pensar daqueles dias em que a raça humana ainda não se havia apartado, como fez hoje, de sua harmonia com a criação e com o criador transcendente. (Campbell, *Apud* Naranjo, 2015 p. 58.)

Fazer o uso do Labirinto é uma maneira de seguir nessa busca. Conforme escreve Sands (2014, p.34) existem relatos dos primeiros labirintos em civilizações ancestrais em que eram utilizados para ritos de passagem ligados com o sagrado feminino e masculino, a “Mãe Terra” e o “Pai Sol”. Sendo o Labirinto um arquétipo mitológico, desempenha um papel poderoso na salvaguarda do conhecimento tradicional do indivíduo. Segundo Campbell (1997, p.140) em seu livro *O Herói de mil faces*,

(...) os mitos não são produtos espontâneos do sono. Pelo contrário, seus padrões são conscientemente controlados. E sua função conhecida consiste em servir como poderosa linguagem pictorial para fins de comunicação da sabedoria tradicional. Isso já se aplica, inclusive, às chamadas mitologias folclóricas primitivas. (...) Pois essas metáforas na realidade tocam e põem em jogo as energias vitais de toda a psique humana. Elas servem de vínculo entre o inconsciente e os campos da ação prática e não de modo irracional, à feição de uma projeção neurótica, mas de maneira tal a permitir uma compreensão madura, ponderada e prática do mundo dos fatos, necessária à repetição, que está submetida a um inflexível controle, do que se passa nos domínios do desejo e do medo infantis (Campbell, 1997, p.140)

Além desses aspectos mitológicos que transpassam o uso do Labirinto temos também o seu potencial como ferramenta para o autoconhecer-se. Para Sands (2014, p. 29) “O labirinto é um meio de meditação que nos oferece a oportunidade de ouvir a

nós mesmos” e que “é considerado como ponto de partida para o seu próprio conhecimento, a partir do qual você pode desenvolver seu caminho pessoal”. Cláudio Naranjo, em seu livro *Mudar a Educação para mudar o mundo*, defende que a cura interior do ser humano é o único caminho para sanar os males da humanidade contemporânea e defende que essa cura só poderá se dar por meio da educação e diz que “durante nosso tempo de crise e de profundas mudanças, a educação constitui a nossa melhor esperança. Ou, dito de outra forma: a transformação da educação é a nossa melhor ponte para um futuro melhor.” (Naranjo, 2015, p.20). Fazer o uso do labirinto como instrumento educador e terapêutico é outra maneira de criar caminhos para uma transformação humana integradora. Para Sands (2014, p. 29)

O movimento físico em direção ao centro do labirinto corresponde a um movimento interno ao centro profundo e nosso interior, no qual somos um ser integral e intacto, mesmo que estejamos doentes ou sofrendo. Portanto, o caminho do labirinto nos leva por uma jornada interior de cura em direção ao bem estar pessoal e à renovação espiritual. (Sands, 2014, p. 29)

Visto isso podemos agora adentrar no potencial do labirinto como uma ferramenta lúdica. Ao contextualizar historicamente o uso do labirinto pudemos constatar anteriormente que crianças, por instinto, serviam-se de brincadeiras e jogos ao caminhar no labirinto. Além das qualidades acima citadas autoconhecimento, resgate ancestral e etc, esse projeto ressaltou a importância do brincar em todas as faixas etárias na formação humana. Huizinga *apud* Bernabeu (2012, p. 52),

Considera que o ser humano se define não só por sua capacidade de pensar (*homo sapiens*), mas também por sua capacidade para o jogo (*homo ludens*). Essa capacidade de jogar é para esse autor “um dos elementos espirituais mais fundamentais da vida. (Huizinga *apud* Bernabeu, 2012, p. 52).

A capacidade de jogar é inerente do reino animal e desempenha um papel fundamental nesse projeto, pois todas as propostas de ação foram feitas de forma totalmente lúdica com todos os grupos envolvidos.

Coloco a importância do brincar não somente para crianças pois faz-se necessário reassumir comportamentos essenciais para resgatar “nossa criança interior”. reprimida durante o nosso desenvolvimento. Para Naranjo (2015, p.110), “Naturalmente, a interferência no desenvolvimento infantil, através da inibição do brincar, da escolarização prematura do tipo disciplinador e do bombardeio da televisão, terminam por silenciar a criança divina interior de cada um”. Portanto faz-se

urgente a utilização de ferramentas lúdicas que proporcionem esse encontro. De acordo com Naranjo (2015, p.111),

A liberação de nossa criança interior, portanto, requer de nós uma atitude muito diferente de tudo o que possa ser conseguido pela disciplina, requer justamente o relaxamento de toda disciplina e o cultivo de uma liberdade interior inocente.

Necessitamos disciplina, necessitamos austeridade, mas também necessitamos uma qualidade para a qual não conheço melhor nome do que *confiança organísmica*: confiança em nossos impulsos, confiança na sabedoria de nossa espontaneidade e no prazer como bússola de nosso eu instintivo. Creio que, assim como o divino se manifesta em nossa consciência com a tríplice face, pai, mãe e filho, só podemos encontrar plenitude por meio do desenvolvimento harmônico dos componentes de nossa humanidade, de modo que a sede de transcendência sem amor materno ou sem a liberdade da criança é compatível apenas com uma pálida devoção. De outro lado, para aquele no qual predomine excessivamente a parte da mãe, dificilmente haverá esse *insigth* metafísico ou sabedoria que caracteriza a experiência espiritual plena. E, igualmente, naquele que predomina o princípio da criança, é difícil conceber a chegada à plenitude já que esta requer maturidade do amor e da sabedoria. (Naranjo, 2015, p.111)

Portanto ele não sugere somente o resgate de que é matriarcal, mas sim um equilíbrio entre essa “tríplice face, pai, mãe e filho”. O filho seria retomar essa espontaneidade do brincar e da criança interior de cada um de nós. Então as propostas realizadas neste projeto tiveram e têm a intenção de propiciar esse equilíbrio aos envolvidos.

A seguir farei o relato das propostas das atividades desenvolvidas durante as ações realizadas. Essas tiveram como inspiração o material elaborado por Marge McCarthy em seu “School Labyrinth Guide” (Guia de Labirintos para Escolas) e no trabalho em que eu era protagonista quando pertencia a equipe de Arte educadores na Casa Labirinto - lugar de brincar.

3.1 Ação na Escola Abigail dos Santos Correa

A primeira ação do Projeto Labirintos Lúdicos aconteceu no dia 6 de Setembro de 2017 na Escola Estadual Professora Abigail dos Santos Correa em Matinhos, Paraná durante a Semana de Jogos de Matemática. A ideia dessa semana era realizar atividades diferentes com os alunos voltadas para o conhecimento matemático. A ponte com a escola se deu pela Nahyr minha amiga e colega da ANE. Quando recebi o convite para ir na escola em que a Nahyr leciona como professora de ciências me senti insegura por achar que seria necessário criar uma atividade que abordasse

conhecimentos matemáticos, e como as ciências exatas nunca foi meu forte, dialoguei com a Nahyr expondo minha insegurança. Mas ela me acolheu e disse que não precisava ser necessariamente uma atividade matemática pois essa semana da escola era também uma oportunidade de proporcionar outros tipos de vivências aos envolvidos.

Antes de ir à escola me informei com a Nahyr quais seriam as idades dos alunos que iriam participar da “oficina”, ela me passou que seria o oitavo e novo ano, portanto pré-adolescentes. Já que iria trabalhar com essa faixa etária, preparei dinâmicas que desenvolvessem a autoestima e confiança em si e no outro.

Cheguei na escola no período da manhã com uma lona pequena com um labirinto impresso. Fui para sala que foi separada para “oficina” e estendi a lona no chão. O primeiro grupo foi chegando e despertando uma curiosidade com aquele símbolo na sala. Propus que um por vez caminhasse no labirinto em direção ao centro. Ao chegar no centro deveria se apresentar, falar uma qualidade que enxergava em si mesmo, escolher alguém para entrar no labirinto reconhecer uma qualidade nesse colega, caminhar simultaneamente no labirinto (enquanto um saía o outro entrava), ao se encontrar pelo trajeto se cumprimentar, continuar o percurso, finalizar a caminhada e seguir da mesma maneira com os demais participantes. Feito isso fizemos uma roda de conversa sobre o que tinha acontecido ali. Cada um expôs sua opinião e foi interessante notar que muitos deles nunca tinham refletido e reconhecido as qualidades apontadas pelos colegas e essa experiência foi muito rica para a auto estima deles. A segunda atividade foi percorrer o labirinto de olhos vendados e guiando e sendo guiado por um colega. Foi muito interessante pois eles tiveram que confiar no outro, além de ter sido muito divertido. A terceira atividade foi aprender a desenhar o labirinto. Utilizei o quadro para ensinar como desenhar seu próprio labirinto e eles adoraram.

Abaixo seguem algumas fotos do primeiro grupo:

Figura 1 - Primeiro grupo da Ação na Escola Abigail: apresentações



Fonte: Compilação da autora

Figura 2 - Primeiro grupo da Ação da Escola Abigail: apresentações



Fonte: compilação da autora.

Figura 3 - Primeiro grupo Ação Escola Abigail: Resaltando as qualidades em mim e nos meus colegas



Fonte: Compilação da autora

Figura 4 – Primeiro grupo Ação Escola Abigail: Muro de gente.



Fonte: Compilação da autora.

Figura 5 – Primeiro grupo Ação Escola Abigail: Guiar e ser guiado



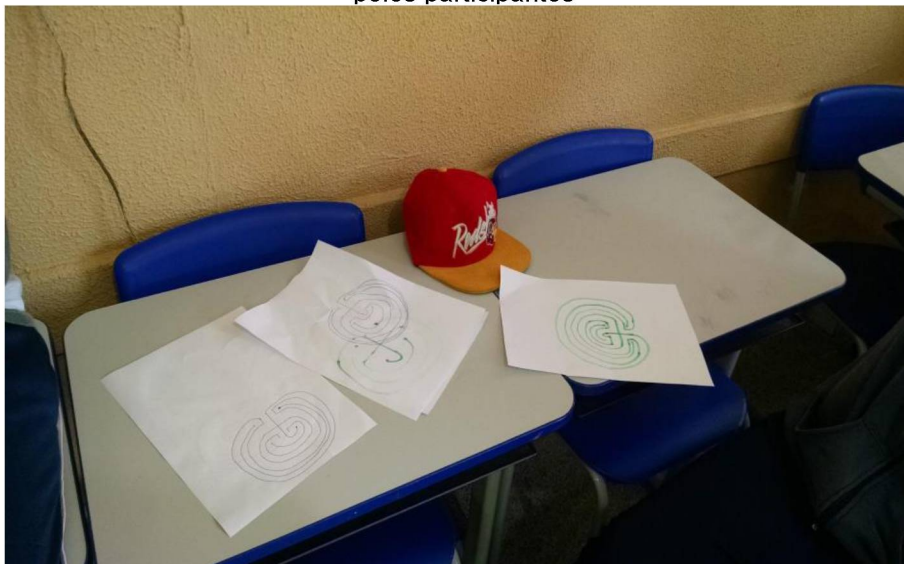
Fonte: Compilação da autora.

Figura 6 – Primeiro grupo Ação Escola Abigail: Aprendendo a desenhar o



Fonte: Compilação da autora

Figura 7 – Primeiro grupo Ação Escola Abigail: Labirintos confeccionado pelos participantes



Fonte: Compilação da autora

O segundo grupo era um grupo bem menor e chegou após o recreio e fez a atividade das qualidades e a do guiar e ser guiado, logo em seguida uma professora da escola Municipal Monteiro Lobato, que fica anexa ao colégio estadual, chegou com um grupo de alunos do segundo ano do fundamental para fazer uma visita em nossa oficina, como o grupo era grande fizemos a atividade do guiar e ser guiado até o centro do labirinto. As crianças adoraram. Os alunos mais velhos interagiram com muito entusiasmo. As professoras participaram da brincadeira. E todos tivemos uma troca muito valiosa com essa intergeracionalidade e ludicidade.

Abaixo seguem as fotos do segundo que acabou agregado com um terceiro grupo:

Figura 8 – Segundo grupo Ação Escola
Abigail: Guiar e ser Guiado



Fonte: Compilação da autora

Figura 9 – Segundo grupo Ação Escola
Abigail: Guiar e ser guiado



Fonte: Compilação da autora

Figura 10 - Segundo e terceiro grupo Ação Escola Abigail: Guiar e ser guiado



Fonte: Compilação da autora

Figura 11 - Segundo e terceiro grupo Ação Escola Abigail: Guiar e ser guiado



Fonte: Compilação da autora

Figura 12 - Segundo e terceiro grupo Ação Escola Abigail: Guiar e ser guiado



Fonte: Compilação da autora

Ao final de todas as dinâmicas sentamos para conversar e refletir os efeitos que aquela atividade tinha nos causado. E sobre isso falarei nas conclusões deste trabalho.

3.2 Ação Colégio Estadual Tereza Ramos

A convite da Samira, companheira e amiga da ANE também, fui ao Colégio Tereza Ramos, no dia 16 de outubro de 2017, fazer uma atividade com labirinto com as professoras. Essa dinâmica foi um presente em comemoração ao dia dos professores. A intenção foi utilizar o labirinto como uma ferramenta de interação, auto-observação e diálogo.

Ao chegar na escola fui apresentada pela Samira aos professores, durante o intervalo, na sala dos professores. Quando ela expôs para todos o que eu ia fazer, foi aceito pela maioria de seus colegas, mas uma professora relutou e questionou se estava no cronograma, porque ela iria aplicar prova aos seus alunos naquele dia. Samira calmamente rebateu dizendo que esse era um presente de dia dos professores e não era obrigatória a participação de todos.

Nos dirigimos à sala onde tinha deixado a lona do labirinto no chão. De seis professores convidados participaram quatro, inclusive a que relutou ao me conhecer. Ao iniciar a dinâmica sentamos em círculo e adotei a estratégia de falar um pouco da minha história de vida e minha trajetória como educadora, criando assim um ambiente mais empático e menos tenso. Fiz uma fala sobre a história do labirinto e sua utilização voltada para o autoconhecimento e educação.

A proposta da atividade foi que cada uma das envolvidas se apresentassem e falassem sobre o que as motivou para se tornarem professoras. Resumindo a temática da fala delas pôde-se relatar que a maioria não se via exercendo outra profissão e o que mais as motivava era poder auxiliar por meio da educação os alunos a se tornarem cidadãos mais conscientes no mundo.

Fomos para a atividade no labirinto que consistia em percorrer o labirinto até o centro, uma por vez, onde elas encontrariam um bloquinho com papéis em branco e uma caneta. Nesses papéis elas deveriam escrever aspectos positivos e negativos do exercício da docência. Feito isso elas tinham que sair do labirinto cada uma com seus papéis. Após, sentamos em roda e compartilhamos o que estava escrito. Cada leitura ia gerando e enredando questionamentos que foram debatidos de maneira reflexiva.

Foi muito interessante notar que todas elas pontuaram como positivo que acreditavam fazer a diferença na vida dos alunos. Já como pontos negativos, tiveram opiniões bem distintas como: questões burocráticas e pressão autoritária do

sistema educacional; falta de liberdade para trabalhar outras maneiras de aprender e avaliar; falta de respeito dos alunos em sala; sentimento de desvalorização do trabalho docente; falta de autonomia dos alunos por conta do excesso de tecnologia; desinteresse dos alunos; a nova PEC como ferramenta de controle da sociedade; alunos com potencial se perder no crime e nas drogas;. Em todos os relatos dialogamos buscando encontrar as raízes desses problemas. Ao final pedi a elas que escrevessem uma avaliação confidencial dessa dinâmica. Abaixo seguem algumas fotos seguidas das avaliações feitas pelas professoras:

Figura 13 – Ação Colégio Estadual Tereza Ramos: Professora escrevendo o que foi solicitado após caminhar e chegar ao centro do Labirinto



Fonte: Compilação da autora

1) “Momento importante e significativo. Ótima dinâmica. Obrigada!”. (Professora

“Foi um momento muito gostoso, trouxe uma leveza, uma troca de experiências de grande valia. A Camila proporcionou um momento agradável com uma dinâmica bem interessante” (Professora 2)

Figura 14 – Ação Colégio Estadual Tereza Ramos: Professora 2 escrevendo o que foi solicitado após caminhar e chegar ao centro do Labirinto



Fonte: Compilação da autora

“É muito bom e interessante poder ter um momento como este para debater, discutir e até mesmo desabafar sobre as situações do cotidiano escolar. Obrigada professora Camila espero que tenha aproveitado esse momento como eu e possa retornar outras vezes” (Professora 3)

“Gostei muito desse momento de conversas, troca de “informações”, a dinâmica do Labirinto... tudo acrescenta em nossa vida. Obrigada Camila” (Professora 4)

3.3 Ação Jornada criativa Labirintos Lúdicos

Essa ação aconteceu no dia 3 de dezembro de 2017 no Centro de Capoeira Espaço de Práticas e Saberes ContraMestre Neri durante o dia todo. A proposta dessa vivência era fazer uma oficina de formação trazendo outras pessoas que também trabalham com labirinto para compartilhar as experiências com quem tivesse interesse na temática. Participaram da oficina alguns colegas da ANE, pessoas da comunidade de Matinhos e UFPR Litoral e crianças que acompanhavam os pais.

A oficina aconteceu o dia todo com as Arte Educadoras Fabiana Machado e Romã Rettamozo protagonistas no projeto da Casa Labirinto de Curitiba. No período da manhã fizemos vivências práticas lúdicas no Labirinto como: montar as paredes do labirinto com tijolos de espuma; guerra de tijolos; contação de história ao caminhar no labirinto; brincar de enterrar os colegas com os tijolos; fazer chuva de tijolos; e aprender a desenhar seu próprio labirinto.

Para um melhor entendimento das atividades realizadas, seguem as fotos

Figura 15 – Ação Jornada Criativa Labirintos Lúdicos: Apresentação com nomes no baú



Fonte: Compilação da autora

desse dia:

Figura 16 – Ação Jornada Criativa Labirintos Lúdicos: Labirinto de tijolos montado com crianças ao fundo prestando atenção nas orientações



Fonte: Compilação da autora

Figura 17 – Ação Jornada Criativa Labirintos Lúdicos: Chuva de Tijolos



Fonte: Compilação da autora

Figura 18 – Ação Jornada Criativa Labirintos Lúdicos: brincando de enterrar os participantes com os tijolos de espuma.



Fonte: Compilação da autora

Figura 19 – Ação Jornada Criativa Labirintos Lúdicos: Aprendendo a desenhar labirinto



Fonte: Compilação da autora

Figura 20 – Ação Jornada Criativa Labirintos Lúdicos: Aprendendo a desenhar labirinto



Fonte: Compilação da autora

Figura 21 – Ação Jornada Criativa Labirintos Lúdicos: Aprendendo a desenhar labirinto



Fonte: Compilação da autora

Figura 22 – Ação Jornada Criativa Labirintos Lúdicos: Exibição do documentário Ser e Vir a Ser



Fonte: Compilação da autora

Figura 23 – Ação Jornada Criativa Labirintos Lúdicos: Exibição do documentário Ser e Vir a Ser



Fonte: Compilação da autora

Durante a tarde assistimos o documentário “Ser e Vir a Ser” que tem a temática sobre o movimento Unschooling (Desescolarização). Ao final do filme fizemos um

debate sobre o tema que foi muito rico em que as educadoras puderam compartilhar suas experiências com os labirintos na educação de seus filhos. Uma delas não leva a filha para escola e utiliza a ferramenta lúdica do labirinto na formação e educação da criança. Já a outra, trabalha numa escola e desenvolve atividades com labirintos nesse local que é o mesmo que seus filhos frequentam. Foi interessante que durante o debate alguns participantes questionaram refletiram junto ao grupo se o modelo de desescolarização seria viável para todas as classes. No fim não conseguimos chegar em um consenso por conta das divergências de ideias. No entanto esse debate fez-se necessário e nos deixou com essa questão ecoando em nossas mentes para além daquele espaço tempo. Contudo foi notório que os participantes da oficina saíram satisfeitos com a vivência e com toda certeza transformados.

3.4 Ação Labirinto no encontro da ANE

A proposta dessa ação foi instigar os meus colegas da ANE a conhecer mais sobre o uso da ferramenta do labirinto e motivar o coletivo a participar do evento “Domingão da Desformação”². Após o intervalo do almoço, do dia 7 de Abril de 2018, iniciamos uns minutos antes e em roda conduzi uma brincadeira intitulada “muro de gente”, ela consiste em a construir a parede do labirinto com as pessoas enquanto um indivíduo percorre de olhos vendados, sendo guiado pelos corpos dos participantes que se movem junto com o caminhar do sujeito para acompanhar e formar as paredes móveis do labirinto. Para essa atividade é necessária muita atenção e cuidado com o outro. Foi muito divertido compartilhar esse momento com meus colegas.

Como imagens podem falar mais que palavras, segue o registro desse dia:

Figura 24 – Ação Labirinto no encontro da ANE: Samira fazendo o convite para o evento do “Domingão da desformação”, em roda.



Fonte: Compilação da autora

Figura 25 – Ação Labirinto no encontro da ANE: Orientação sobre a dinâmica do Labirinto”, em roda.



Figura 26 – Ação Labirinto no encontro da ANE: Caminhada introdutória no labirinto



Fonte: Compilação da autora

Figura 27 – Ação Labirinto no encontro da ANE: Organização para a atividade Muro de Gente



Fonte: Compilação da autora

Figura 28 – Ação Labirinto no encontro da ANE: Muro de Gente



Fonte: Compilação da autora

Figura 29 – Ação Labirinto no encontro da ANE: Muro de Gente



Fonte: Compilação da autora

3.5 Ação Labirinto Lúdico no Domingão da Desformação

O evento do Domingão da Desformação aconteceu no dia 6 de maio de 2018. Foi um evento em formato de imersão que aconteceu o dia todo na sala multiuso da UFPR Litoral. A vivência com os labirintos estava programada para ser a primeira e por esse motivo acabou demorando para iniciar. Assim que tínhamos uma quantidade de participantes fizemos uma abertura em que a ideia inicial era que cada participante percorresse o labirinto, se apresentasse e falasse um pouco da sua motivação para estar ali. Mas em um dado momento, enquanto os integrantes realizavam a proposta, eu e a equipe organizadora nos demos conta que isso demandaria muito tempo. Então mudamos o plano e cada pessoa falou rapidamente sentadas em roda, mesmo assim essa parte foi muito extensa pois haviam muitos participantes. Foi interessante perceber que a maioria dos integrantes do grupo pertenciam a comunidade do litoral do Paraná, no grupo haviam educadores de Guaratuba, Morretes, Pontal, Matinhos e Paranaguá. E a maioria dessas pessoas não possuía vínculo com a Universidade e estavam interessados e buscar alternativas para uma nova educação. Após as apresentações individuais fiz uma breve explicação sobre a ferramenta do labirinto e fomos para a prática. Como havíamos usado a maior parte do tempo que eu tinha para desenvolver a minha ação nas apresentações tive que fazer uma atividade breve. Propus a construção das paredes do labirinto com tijolinhos de espuma, posteriormente caminhamos sem derrubar. Sugeri algumas ideias de utilização e destruimos as paredes, brincamos de guerra de tijolos e de guardar os tijolos de maneira divertida dentro dos sacos de pano que eles estavam. Após isso fiz uma fala instigando a utilização dessa ferramenta incentivando o uso criativo da mesma.

Figura 30 – Ação Labirinto no encontro da ANE: Roda de apresentações com caminhada introdutória no labirinto



Fonte: Compilação da autora

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É eminente a necessidade de buscar novas alternativas à prática educadora vigente, que se baseia em ideais que não valorizam o equilíbrio e formação integral do ser humano, com práticas opressoras e autoritárias, e que são as responsáveis por boa parte dos males do mundo contemporâneo. De acordo com Naranjo (2015, p. 20), “Durante nosso tempo de crise e de profundas mudanças, a educação constitui a nossa melhor esperança. Ou, dito de outra forma: a transformação da educação é a nossa melhor ponte para um futuro melhor.”.

A Especialização em Alternativas para uma Nova Educação proporcionou vislumbrar diversos caminhos para essa transformação. Sendo um deles a utilização do labirinto como ferramenta integradora de múltiplos saberes. Observando os relatos das ações realizadas pôde-se dar início a pequenas, mas significativas, transformações.

Na primeira ação com labirintos na Escola Professora Abigail dos Santos Correa, pôde-se perceber que os participantes se atentaram a olhar para si e para o outro reconhecendo características qualitativas em ambos, fazendo com que eles saíssem mais autoconfiantes. Além disso, também desenvolveram a confiança no outro relatando estar mais tranquilos ao final da atividade. Podemos citar aqui Artress (2006, p.166) que diz: “As fronteiras do labirinto definem limites. A estrutura do caminho provê segurança para uma pessoa que anseie por tocar fundo dentro de si mesma.”. Os dois grupos envolvidos nessa prática puderam, mesmo que indiretamente, usufruir desse benefício que o labirinto oferece. Ainda pudemos contar com a parte lúdica da vivência que tornou o ambiente muito descontraído, os colegas que estavam tímidos e receosos ao tocar e abraçar os outros, acabaram por se soltar, inclusive as professoras. Como já dizia Saint-Exupéry (1943, p.2) “Todas as pessoas grandes foram um dia crianças, mas poucas se lembram disso”. Esse dia foi muito especial, pois uma atividade que era para integrar os alunos de uma turma com sua professora, que já era uma experiência intergeracional, acabou indo mais profundamente nesse conceito quando as crianças da Escola Municipal Monteiro Lobato chegaram e brincaram conosco. Foi muito bonito de observar como os pequenos veneram os maiores e como estes acolhem e são carinhosos com eles. Não desmerecendo os outros momentos, mas para mim essa foi a melhor parte da primeira vivência com labirintos por meio da rede da ANE.

Já na segunda ação, foi possível pontuar outras características envolvendo um aspecto mais terapêutico. Pois na minha opinião a dinâmica foi muito positiva no sentido de ter gerado um debate sobre os desafios em ser professor, mas principalmente uma autorreflexão da práxis pedagógica. Além disso foi muito significativo dar voz e vazão aos sentimentos das professoras que, muitas vezes, estão sobrecarregadas emocionalmente. Para mim elas sentiram se cuidadas e acolhidas e isso é de um valor inestimável. Pois tendo observado esse resultado pode-se resgatar características matrísticas como o cuidado, acolhimento e amor.

Na terceira ação, que foi a Jornada Criativa com Labirintos, tive a honra de receber duas pessoas que admiro muito e compartilhar com os participantes mais profundamente maneiras de utilizar o labirinto. Teve o debate muito significativo sobre a desescolarização que é também uma alternativa para uma nova educação. Contudo, o que ficou mais evidente nessa data foi a importância do brincar, ideias criativas do uso do labirinto e principalmente a formação de mais educadores que desejem propagar o uso do labirinto como ferramenta educacional e integradora, independente da comunidade que ela pertença.

Durante a quarta ação, que foi no encontro da ANE, tive a oportunidade de dividir com todos os colegas presentes um pouco do que seria minha ação durante a Desformação. Essa vivência foi tão enxuta que refleti se ela entraria no meu relato, mas foi tão maravilhoso compartilhar aquela meia hora com o coletivo que acabou ressoando em toda minha construção. Para mim o que mais ecoou nesse dia foi a ludicidade, a integração e o acolhimento e cuidado com o outro.

A quinta e última ação ocorreu durante o evento da Desformação em que a expectativa era instigar uma transformação da prática educativa de cada pessoa presente no evento, em outras palavras tinha a intenção de plantar a semente da transformação em cada indivíduo envolvido. Acredito que a oficina com labirintos durante esse evento possibilitou que os participantes tivessem contato com possibilidades de inserir atividades lúdicas com labirinto em suas práxis diária. Então os aspectos mais relevantes que foram oportunizados nesse dia foram: o potencial lúdico do labirinto e a propagação do uso do labirinto como ferramenta integradora.

Em suma, foi notório que os objetivos desse projeto acabaram por transcender as expectativas. E que todas as ações, mesmo em cada uma delas tenha ficado evidente alguns objetivos mais que os outros, foram transpassadas e permeadas pelos objetivos desse projeto.

Mas, acima de tudo, penso que a experiência de integrar o coletivo da Especialização em Alternativas para uma Nova Educação, nossa querida ANE, foi o que mais me transformou. Primeiramente como ser humano para que a partir dessa mudança pudesse estar motivada a semear outras mudanças. E que o aprender a estar junto com olhar totalmente comunitário possibilitou a criação dessa rede que nos mostrou que juntos somos mais fortes. Mas para ser mais forte juntos fez-se necessária uma transformação interior, para Montero (*apud* Naranjo 2015, p. 275) em um epílogo para o livro Mudar a educação para mudar o mundo de Cláudio Naranjo:

Cláudio Naranjo já assinala ser possível que desde muito cedo se cuide do equilíbrio entre nossos mundos interiores, entre intelecto e emoções, entre corpo e espírito. Uma visão terapêutica da educação poderia começar admitindo que os modos de vida que temos praticado há milênios não são amorosos, pois perturbam o desenvolvimento do ser; poderia também fornecer ferramentas para uma educação emocional e não apenas do pensamento racional, abrir espaço às energias do pai, da mãe e do filho, e constituir-se no espaço por excelência da busca da transformação individual. (Montero *apud* Naranjo 2015, p. 275)

Creio que o processo de estar integrando o coletivo da ANE foi indispensável para dar início a essa transformação individual, e a utilização do labirinto como ferramenta integradora me auxiliou muito nisso. E espero que meus queridos colegas da ANE possam também ter sido contemplados por isso. Esse foi só o início da transformação e pretendo continuar a tecer essa rede que me sustenta como educadora, podendo assim, compartilhar novas experiências similares a essa que nos foram tão benéficas. Jürgen (2013, p. 13) me inspira muito quando diz “O verdadeiro labirinto é um grande símbolo de confiança. Sua mensagem é: Em seu caminho para o centro você nunca pode se perder”. E assim continuarei seguindo na jornada da transformação, buscando alternativas para uma Nova Educação, sem medo de me perder e sabendo que existe uma rede que nos sustenta como educadores.

REFERÊNCIAS

- ARRES, LAUREN. **Walking a Sacred Path – Rediscovering the Labyrinth as a Spiritual Practice**. Nova Iorque: Riverhead, 2006.
- BERNABEU, NATÁLIA. **A brincadeira como ferramenta pedagógica**. Natália Bernabeu e Andy Goldstein. São Paulo: Paulinas, 2012.
- CAMPBELL, JOSEPH. **O herói de mil faces**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix Pensamentos, 1997.
- CAMPBELL, JOSEPH. **O poder do mito, com Bill Moyers**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- ELIADE, MIRCEA. **Imagens e Símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- HUIZINGA, JOHAN. **Homo Ludens**. Tradução: João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2000.
- JÜRGEN, HOMMUTH. **Labyrinths & Mazes**. Nova Iorque: Prestel Verlag, 2003.
- KERÉNY, KÁROLY. A Senhora de Labirinto, 1956. In: Károly Kerény. **Estudos do Labirinto**, Lisboa: Editora Assírio & Alvin, 2008, p. 80.
- KERN, HERMANN. **Trough the Labyrinth**. London: Prestel, 2000.
- MATURANA, HUMBERTO e VERDEN-ZÖLLER, GERDA. **Amar e Brincar: Fundamentos Esquecidos do Humano**. São Paulo: Palas Athena, 1ª edição, 2004.
- MCCARTHY, MARGE. **Kids on the Path: School Labyrinth Guide**. Manual by Marge McCarthy. Publicado por: Labyrinth Resource Group, 2007.
- NARANJO, CLÁUDIO. **Mudar a educação para mudar o mundo: o desafio do milênio**; tradução de Eneida Ludgero da Silva e Mara R. Grebogy. Brasília: Verbena, 2015.
- PACHECO, JOSÉ. **Aprender em comunidade**. São Paulo : Edições SM, 1ª edição, 2014.
- SAINT-EXUPÉRY, ANTONIE. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 51ª edição, 2005.
- SANDS, HELEN RAPHAEL. **Labirinto: caminho para meditação e cura**. São Paulo: Madras, 2014.
- SENESE, SYLVIA S. **Healing and empowering the feminine - a labyrinth journey**. Asheville, EUA : Ed. Chiron, 2003.